

Manaus, sexta-feira, 7 de abril de 2000

a crítica CIDADES c5

BRASIL 500 ANOS

Caravana passa por Parintins

Alberto César Araújo - 4/abr/2000

OS POVOS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA FIZERAM ONTEM UMA CAMINHADA QUE TERMINOU EM ATO PÚBLICO NA PRAÇA DA CATEDRAL. ELES EXIGIRAM RESPEITO AOS SEUS DIREITOS HISTÓRICOS

PETA CID
 CORRESPONDENTE

PARINTINS, AM - Uma caminhada que terminou com ato público na praça da Catedral marcou ontem a passagem da caravana indígena da Amazônia pelo Município de Parintins (a 325 quilômetros de Manaus). Representantes de 40 povos indígenas das regiões do rio Javari, do Alto e Médio Solimões, Juruá, Purus, Madeira, Baixo Amazonas, rio Negro e Roraima reafirmaram o propósito de seguir pelo Brasil denunciando os 500 anos de escravidão, extermínio e expropriação de suas terras. Os parintinenses apoiaram a manifestação, que foi encerrada com show cultural e a participação de artistas locais, estudantes e movimentos populares.

A caravana exige o respeito aos direitos históricos de donos da terra ostentados pelos índios e a demarcação das áreas indígenas, particularmente a reserva Raposa-Serra do Sol, no Norte de Roraima.

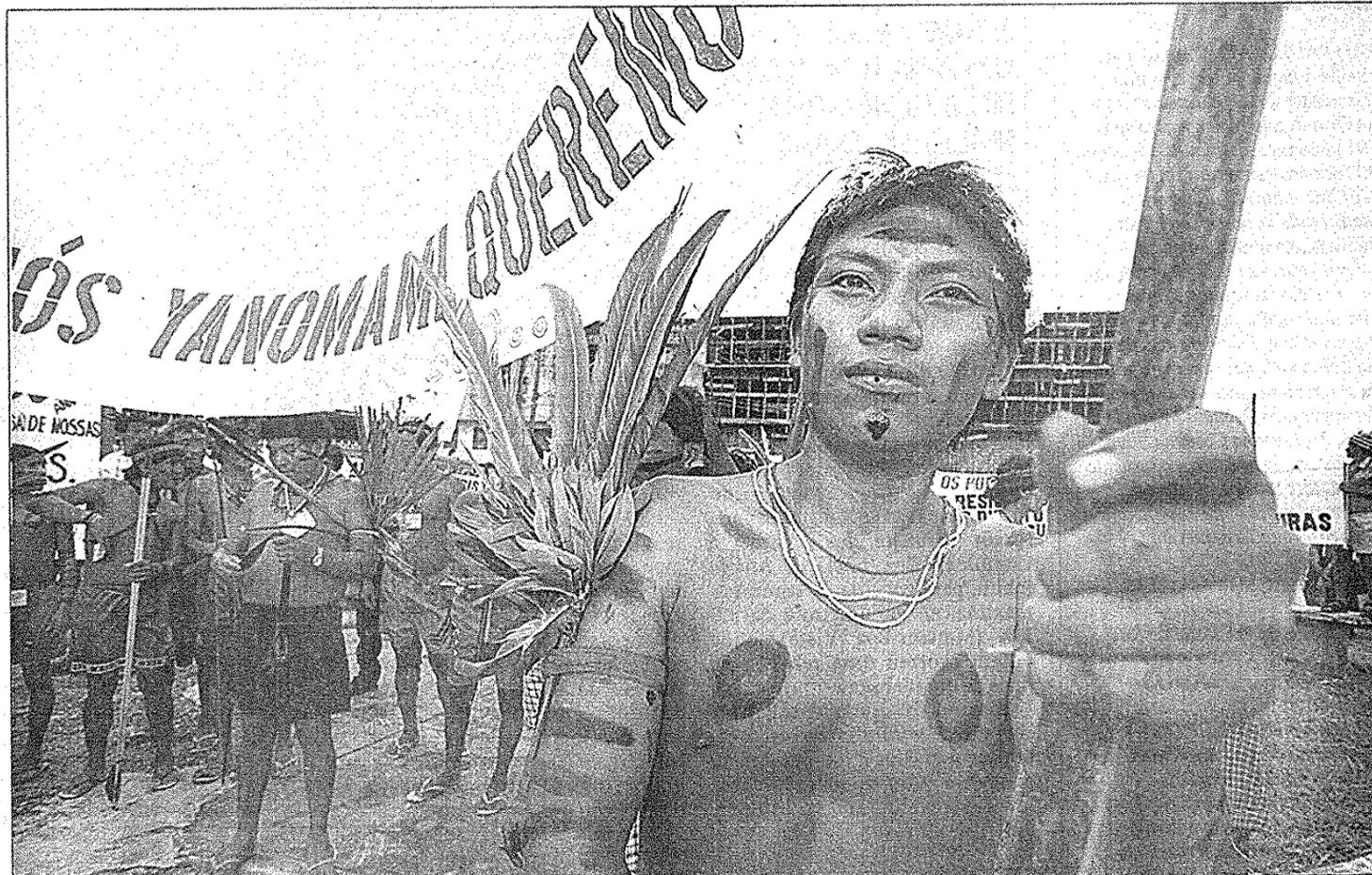
Falando na língua de origem, para mostrar que a cultura resiste à opressão, líderes ianomâmis,

ticunas e muras, em entrevista coletiva à imprensa, manifestaram repúdio à política do Governo e à inoperância da Funai, denunciaram a violência, a prostituição e a fome que atingem não somente os índios, como também milhões de brasileiros.

O vice-coordenador da Coordenação das Organizações Indígenas do Amazonas Brasileiro (Coiab), Cláudio Mura, disse que o Estatuto do Índio está no Congresso Nacional, mas não foi votado. "Os deputados querem que seja votado, mas que tenha pesquisa de recursos naturais nas terras dos índios. E nós não queremos", enfatizou.

Cláudio lembrou que há 500 anos havia 5 milhões de índios e hoje só restam 330 mil. Ele ironizou a festa que o Governo Federal está preparando para Porto Seguro (BA), questionando: "Será que a festa é para descobrir o Brasil novamente, pra dizer que o Brasil está bem? Eu vejo um Brasil com prostituição, com droga, com muito roubo. Começa desde os ministérios. Não vejo um Brasil com moral, mas com povo desempregado, gente passando fome. E o Governo, quando está lá fora, ainda diz que os povos indígenas vivem no paraíso".

O líder dos 13 ianomâmis que integram a caravana, Davi Kopenawa, se queixou que a Fundação Nacional do Índio está sucateada e pouco tem feito pelos povos indígenas. Segundo ele, tiraram da Funai todos os poderes. "Os administradores fazem o que o Governo quer. A Funai não contempla nos-



PASSEATA Representantes de 40 povos indígenas, que protestaram nas ruas de Manaus no último dia 4, repetiram a manifestação em Parintins

as necessidades e quando faz alguma coisa é porque a gente empurra", disse, alertando que muito dinheiro foi desperdiçado porque muitos servidores do órgão não

cumpriram com o dever deles.

Ele denunciou a invasão das terras ianomâmis por garimpeiros, que levam doenças como malária, que já foi responsável

pela morte de muitos parentes.

"Queremos que eles deixem os índios em paz. Queremos que vocês brancos ajudem a gente, para preservar a terra e não deixar des-

truir. Vocês também precisam da terra. Não queremos que eles cheguem lá oferecendo dinheiro, dinheiro só deixa doído. Não queremos mais mortes", disse.

Ticuna reivindica estatuto

O presidente do Conselho Geral da Tribo Ticuna, Pedro Inácio, defende a aprovação do Estatuto do Índio, que está no Congresso Nacional, e a proibição da entrada nas aldeias de igrejas que estão dizimando a cultura dos indígenas. Ele disse que algumas tribos são influenciadas por religiões evangélicas, que acabam impondo um novo modo de vida aos nativos.

O pedido de perdão feito pela Igreja Católica também não é aceito pelos índios. "O deus dos

brancos pode até perdoar, mas nós não podemos", disse o tariano Pedro Garcia. Segundo ele, quando a Igreja Católica chegou ao Brasil não observou que estava chegando num lugar onde havia pessoas com cultura e religião diferentes, que tinham sua própria vida. "Eles diziam que a religião católica era a melhor. Chamaram os rituais tradicionais dos índios de cerimônias satânicas, demoníacas e disseram que a nossa cultura deveria desaparecer".

O índio lembrou que, por muitos anos, a cultura foi esquecida, mas não desapareceu. E hoje essa mesma igreja diz que um povo sem cultura é um povo morto. "Por que ela não falou isso na chegada? Por que não reconheceu logo no início?", questionou, assinalando que por onde a Igreja passou foi destruindo os costumes dos povos. As festas religiosas foram impostas e o que restou delas foi prostituição, bebidas e filhos que não conhecem os pais.

Índios dizem que declaração ofende a todos

A declaração discriminatória do presidente do Parlamento Amazônico, deputado estadual Lupércio Ramos, de que o índio não pode ser considerado "pessoa humana", provocou imediata reação dos 40 líderes das etnias que compõem a caravana dos

povos indígenas.

"Tudo bem, eu posso concordar com ele. Se ser gente for como ele, se ser gente é pensar como esse deputado, eu prefiro ser bicho. Essa posição infeliz não ofende só a mim, mas a todos os povos, meus antepassados", disparou o indígena Benjamim de Jesus, da tribo baniwa, do rio Negro. Para ele, Lupércio Ramos "é insignificante e um aproveitador da situação". "Em todos esses anos de mandato, ele não fez nada. O que vejo são pessoas morrendo de fome, comendo lixo em Manaus. Será que

ser gente é fazer como ele faz, ganha bem e fala mal das pessoas. Um homem sem dignidade não merece ser representante do povo, não conhece a realidade do Amazonas. Cabe aos deputados, que são pessoas capazes, refletirem por que colocaram um presidente como esse", reclamou.

Para o índio tariano Pedro Garcia, uma pessoa que se refere ao índio dessa forma "é pior que um animal". O indígena afirmou que os índios vão dar a resposta ao deputado na imprensa nacional e internacional.

'PESSOA HUMANA'